

Psicanálise, Política e Drogadicção

*Natália Galdiano Vieira de Matos- Mestranda em Psicologia na Universidade Federal de
Uberlândia
nataliagaldiano@yahoo.com.br*

Resumo

Fábio Herrmann, assim como Freud, nos legou a possibilidade de analisar a sociedade em seus aspectos políticos através da psicanálise. Não devemos entender a sociedade como um grande indivíduo. A psicanálise é um método de conhecimento que inclui a análise da psique social. Sendo a sociedade complexa em sua realidade política – social, possui formas de sentidos que a ultrapassa. Reconhecer um desses sentidos faz parte desta ciência da psique. Desta maneira, este trabalho terá o objetivo de fazer um recorte de sentido desenvolvido pela comparação entre a drogadicção e o regime do atentado, termo criado por Herrmann ao analisar o atentado contra o papa ocorrido em 1981. Para esta comparação se realizará um trânsito entre os conceitos novo estado, novo regime e ato puro, incluindo a drogadicção, como fenômeno e sintoma social e político da contemporaneidade. O termo novo estado caracteriza o momento atual da nossa sociedade em que prevalece a lógica do consumo e produção. O novo regime e o ato puro são conseqüências sociais deste novo estado. Neste, os indivíduos seguem a lógica mercadológica, alienam-se e têm seus pensamentos transformados em atos. Além disso, será feito um recorte ao tema drogadicção, tema este de ampla complexidade que pode ser compreendido em seus aspectos farmacológicos, fisiológicos, sociais, antropológicos e políticos. Aqui será analisada a drogadicção na contemporaneidade, apresentando-a como produto do discurso social vigente, demonstrando alguns de seus aspectos que estão enraizados na cadeia social. Desta análise, resultou a aproximação da drogadicção com a sociedade atual em que a dependência, exploração e alienação se fazem presentes. Também pode-se verificar que assim como o regime do atentado, a drogadicção na contemporaneidade pode ser entendida como ato puro em que os pensamentos tornam-se alienados e são transformados em atos.

Palavras-chave: Psicanálise; Política; Drogadicção

1 Introdução

Este trabalho foi realizado a partir de inquietações advindas do meu encontro com os adictos e suas realidades sociais. Esse adictos participam das atividades desenvolvidas em uma unidade de CAPS-ad da cidade de Uberlândia- MG. Neste mesmo período fui agraciada com diversas obras de Fábio Herrmann, que não se limitava em descrever a psique individual, mas abrangeu seu campo de estudo à psique social.

De minhas inquietações uma questão constante era realidade social daquelas pessoas (pobres e marginalizadas). Diferentemente dos usuários de drogas da classe média e alta, que têm a possibilidade de recorrer a recursos particulares para auxiliar em seus problemas toxicômanos, aquelas pessoas procuram o sistema de atenção integral municipal como um recurso para lidar com a drogadicção, mas também para conversar, fazer amizades e trabalhos artesanais, para serem aceitas, incluídas e ouvidas.

Ao entrar em contato com o texto *Psicanálise e Política* de Herrmann (2003a) me deparei com a possibilidade de analisar psicanaliticamente diversas questões que nos rodeiam, sejam elas políticas ou econômicas, compreendendo que podemos dar sentidos a partir de nossas interpretações.

Ao unir este texto com as questões que me surgiram da prática no CAPS-AD pude verificar a semelhança do momento em que vivemos, das transformações políticas e sociais, com a toxicomania na contemporaneidade.

Cada um de nós, inseridos neste meio, temos reflexos das ocorrências sociais em nossa psique individual, sendo a intersecção da psique social e individual complexa e indiscernível.

2 O regime do atentado

Herrmann, do acontecimento de 1981, atentado contra o papa, fez um recorte interpretativo deste fato e da sociedade contemporânea. Para ele, a sociedade atual é controlada globalmente não por um processo de controle punitivo das ações, mas sim por controle submetido na raiz do ato, em que a possível ação é anulada. No período em que ocorreu o atentado, um novo estado estava se formando, constituído por empresas multinacionais, automação substituta do trabalho e da informação e um sistema econômico sem identificação social circunscrita. Um novo regime fora criado (HERRMANN, 2003a).

Neste contexto, o indivíduo reduziu-se a uma *impotência patológica paradoxal*, em que para obter prestígio, deveria seguir os padrões do novo estado, produzir efeitos rápidos, autônomos e marcantes. No entanto, sua ação seria anulada, incorporando-se à automação geral, tecnológica, econômica e cultural. Além disso, os grupos sociais organizados seriam dissolvidos pelo sistema de comunicação de massa, assim, os grupos formados por células individuais idênticas poderiam ser facilmente controlados (*idem*).

Essas interpretações possibilitaram que Herrmann entendesse o *ato puro*, aquele que não cumpre um objetivo racional meditado de antemão e sua realização seria sempre em busca de produzir efeitos. O ato puro possibilitaria a condição de sobreviver à eliminação do pensamento. Os atos caracterizariam-se, então, como atos não pensados (*idem*).

Tais requisitos, ato puro e impotência patológica paradoxal, se encontram no atentado. A partir disso, Herrmann analisou o regime político contemporâneo, caracterizando-o como um novo regime político, regido pelo regime do atentado. Acrescentou ainda, que o atentado está presente tanto nos atos de violência explícita, quanto no próprio regime de controle social e econômico.

Nessa linha de pensamento, ele incluiu uma análise sobre a opinião. Para ele, acreditar na idéia de um movimento social ativo e eficaz contra o regime político, ainda se faz presente. Nas manifestações sociais dessa ordem, sabe-se do engano ao qual está submetido, mas há também um engano a si próprio. Desconhecer a procedência do engano faz com que este ciclo se mantenha (*idem*).

Exige-se transparência às leis do mercado, e cidadania reduziu-se aos direitos do consumidor. A opinião transformou-se de gênero de pensamento a gênero de ato. Ocorreu uma perda de substância social política e a regra do mercado e consumo tornou-se independente das deliberações políticas. Ocorreu também uma perda de identidade nacional.

Com a informatização, a mão-de-obra deixou de ser imprescindível, houve uma perda de empregos, provocando um aumento na insegurança existencial e um desespero de

sobrevivência que se estendeu ao consumismo desenfreado, violência pessoal e consumo de drogas. Esta informatização também causou uma alienação do trabalhador e ocasionou uma perda de naturalidade da transmissão de história (HERRMANN, 2003a).

Tudo isso produziu uma desrealização, em que o mundo cotidiano tornou-se incrível, a realidade como representação e uma dessubstanciação da existência pessoal e social. Concluindo, o cidadão tornou-se obrigatoriamente consumidor, o pensamento, devido ao excesso de informação descontextualizada, reverteu-se em ato, a realidade passou de substância intuitiva à representação construída artificialmente. Assim, a estranheza em relação a esse mundo construído reproduz a estranheza do encontro da psique consigo mesma (idem).

Dando continuidade a sua compreensão social, Herrmann apresentou o grande trauma do tempo presente: a ameaça de destruição nuclear, a guerra que não houve, a possibilidade de aniquilamento da humanidade. Dessa maneira, o regime do atentado seria a representação sintomática deste trauma, a violência que inclui a morte do próprio sujeito, suicídios coletivos, compelidos a atingir plenitude física artificial, porém em negação constante de si mesmo. Esta auto-agressão não se faz presente somente nos atentados, mas também em outras formas de manifestações da psique (HERRMANN, 2003a).

3 Consumo de drogas: um possível atentado

Faz-se necessário compreender o consumo de drogas a partir dos fatores culturais vigentes, podendo destacar em nossa sociedade a tendência ao consumismo desenfreado de bens de consumo e de substâncias psicotrópicas entre outras. Assim, acompanharei o recorte de Herrmann à sociedade contemporânea para entender - atribuir um sentido à complexa questão - o consumo de drogas atualmente.

É fato que o consumo de drogas sempre se fez presente na humanidade. No entanto, até o século XIX ele esteve associado a cultos religiosos ou a outros aspectos da cultura, como cura, prevenção e associado a atividades de lazer. A partir desta época, este processo simbólico da droga desapareceu, dando espaço para interesses econômicos e políticos em relação ao consumo de drogas (tem-se como exemplo a Guerra do ópio). Este processo, em que a droga perdeu seu caráter simbólico religioso e se inseriu no plano econômico e político, foi acompanhado pela inclusão do consumo de drogas ao discurso médico (GURFINKEL, 1995).

De acordo com Gurfinkel (1995), a busca do prazer através da droga é similar ao processo primário defendido por Freud. Neste processo primário, o ego ainda não sofreu rupturas ocasionadas pelo processo simbólico humano, é um momento de completude em que o prazer não é interferido pela castração simbólica. Este processo primário é corrompido pelo princípio de realidade em que ocorrem desprazer e castração. O consumo de droga se caracteriza pela busca do prazer em oposição ao princípio de realidade.

A adicção é uma maneira de obter prazer no campo alucinatório, imaginário. É uma busca de obter prazer pelo caminho mais curto, de forma direta e sem mediações impostas pelo princípio da realidade. O drogadicto busca encurtar o caminho tortuoso da realidade, através de uma satisfação alucinatória, criando uma neo-realidade (idem).

A pulsão é um conceito limite entre o anímico e o somático, é um estímulo interno que proporciona a diferenciação do interno e externo e que possibilita ao sujeito buscar atividades para atingir satisfação, sendo assim, um motor para o desenvolvimento psíquico. Na relação do indivíduo com a droga, a pulsão se transforma em urgência de ação e a

representabilidade psíquica se fixa no plano biológico. Dessa maneira, a busca do prazer pelo toxicômano leva a uma perversão da própria natureza da vida pulsional. Assim, as pessoas de ação, são impulsionadas para a fuga da angústia (idem).

De acordo com a realidade atual apresentada por Herrmann é possível pensar a adicção tanto como uma forma de ato puro, como consequência do regime do atentado. Como já citado, o controle global se dá na raiz do ato, para anular no nascedouro. Da mesma maneira que o ato puro, em que o pensamento e o objetivo racional, meditado e debatido de antemão são excluídos, o consumo de drogas também o é, já que o adicto busca uma forma de obter prazer de maneira direta, sem mediação simbólica e a pulsão é pervertida em urgência de ação.

A obrigação consumista e a idéia de completude e perfeição são ideologias desta lógica de mercado que aumentam a fissura humana e impulsiona o indivíduo a consumir para realizar esta completude. Isto também se faz presente no consumo de drogas. Esta insegurança existencial, alienação do trabalhador pela informatização e desemprego são realidades que perpassam o consumo de drogadictos.

O regime do atentado, como consequência do trauma humano da contemporaneidade, provoca uma reação sintomática que leva a aniquilação do sujeito, assim como nos atentados terroristas (HERRMANN, 2003a). Não seria a toxicomania um atentado terrorista, em que o sujeito se auto-aniquila, nega a si mesmo em busca da plenitude física artificial?

Pode-se pensar também que o consumo de drogas a partir da ciência moderna e do discurso médico se denaturalizou dos aspectos culturais e religiosos. O sujeito passou a ser categorizado como toxicômano e seus desejos e particularidades foram excluídos deste discurso. Além disso, a medicina facilitou enormemente o abuso de substâncias, tanto pela criação de novas drogas, como pela utilização de algumas para tratamentos (GURFINKEL, 1995). Surgiu neste contexto a luta internacional contra o consumo de drogas. No entanto, as leis criadas não possibilitaram a diminuição do consumo, mas sim a exclusão e marginalização dos adictos. Será esta a verdadeira intenção política destas leis?

O abuso de drogas provoca uma passividade do sujeito, que o prende unicamente às drogas e às questões relacionadas a ela (HERMANN, 2003 b). Não é esta passividade que necessita o novo estado para iludir, para que as posições populares continuem acreditando que o movimento social pode ser ativo e eficaz? Será a droga uma reação a esta ilusão? A criação de uma neo-realidade pelo uso de drogas serve para fugir da angústia de ser enganado?

4 Adicção vazia

Herrmann acrescenta em sua análise da contemporaneidade as múltiplas e desencontradas possibilidades de representação e uma multidão de estímulos que existem ao nosso redor e são oferecidos em televisões computadores, jornais, etc. Para ele, isso ocasiona uma dificuldade de delimitação da identidade do sujeito, este embarca em “orgias identificatórias” (2003b, p.2) e diante disso, há ameaça de fragmentação, portanto esta identidade tende-se a encolher.

Um dos instrumentos de grande eficácia para a redução identitária é a droga, que limita drasticamente o mundo do indivíduo à droga, sua ingestão, efeito, procura e resistência. É a passividade do adicto em relação a diversas questões, sejam elas sociais, familiares, no trabalho (HERRMANN, 2003b).

Ao campo da adicção também estão, além da ingestão de psicotrópicos, o excesso alimentar, atitudes e comportamentos diversos, tais como adicção à internet, novelas, trabalho, exercício físico, etc. Dessa maneira, é possível pensar na marginalização e exclusão dos adictos consumidores de drogas inseridos em uma sociedade também adicta e que não se percebe como tal.

Segundo Kalina e Kovadloff, “o que combatemos na prática drogadicção é o mesmo que condenamos na sociedade que induz ao desenvolvimento desta prática, muito embora essa sociedade aparente se opor a ela” (1980, p.17).

Para esses autores, o drogadicto é a versão fiel do mundo em que vive, expõem as contradições de ideologia e as relações de dependência, exploração e alienação. “O adicto não faz outra coisa que trasladar para o campo de sua vida individual o tipo de relações alienadas que imperam na sociedade a que pertence” (KALINA; KOVADLOFF, 1980, p.18).

A marginalização social do adicto, assim como dos loucos, responde à necessidade que tem a sociedade de manter ocultas suas próprias contradições. As pessoas loucas, entre elas as que consomem drogas, não resistem à alienação social. Estes autores também defendem a idéia de que o comportamento adicto é uma das formas em que se manifesta o delírio, sendo este o instante em que ocorre uma ruptura em relação à suposta coerência cultural, há um desencontro entre o que a norma coletiva dita e o que a conduta individual acata. O delírio é capaz de evidenciar a fragilidade psicossocial, sendo projetado diante de nossos olhos é o reflexo de nossa própria inconsistência. Os loucos, assim como os drogadictos, são vítimas e porta-vozes das contradições que também são nossas “[...] é a trágica encarnação de tudo o que a maioria dos homens suporta, reprimida e silenciosamente” (KALINA; KOVADLOFF, 1980, p.20).

Quando procuramos combater a toxicomania concomitantemente tentamos combater a excessiva transparência da contradição do nosso sistema. A sociedade que reprime o adicto é a mesma que induz à drogadicção. Kalina e Kovadloff também admitem que a resposta ao uso de drogas está na necessidade dos sistemas sociais vigentes em inutilizar os indivíduos, estes renunciam a esperança de modificar o meio social que oprime através da intolerância e incompreensão. O toxicômano se torna aliado do *status quo social*.

“Instalado na irracionalidade, eliminado seu espírito crítico, acariciando em suas sensações a posse de uma verdade paradisíaca, o adicto oferece ao sistema social a prova substancial de cumplicidade e submissão: a rotundidade do seu silêncio” (KALINA; KOVADLOFF, 1980, p.23).

5 Conclusões

A partir destas explanações é possível verificar a inter-relação entre sociedade e indivíduo. Pensando a drogadicção neste contexto, em que se fazem presentes o novo estado, o regime do atentado e o ato puro fica explícito que o consumo de drogas acompanha as transformações políticas, econômicas e sociais, podendo ser consequência dessa realidade. Assim, o uso de drogas não deve ser apenas analisado no âmbito individual, mas sim em todas os aspectos que envolvem a questão, social, familiar, político, econômico, histórico.

A drogadicção pensada como ato puro e consequência do regime do atentado é uma forma interpretativa de dar sentido a esta problemática. Diferentemente do discurso médico que busca uma objetividade e uma veracidade, neste trabalho o sujeito foi incluído com

como uma possível denúncia social. Acredito que pensar o paradoxo ato puro e passividade referentes à toxicomania seja uma ruptura neste âmbito de estudo. Nesse regime do atentado, urgência de ação e alienação social estão presentes não somente na toxicomania e nos atentados terroristas, mas em diversas atividades do nosso cotidiano. Hoje mesmo me perguntava, para que tanta pressa, tantas obrigações a cumprir, que urgência de ação é essa...?Deparei-me com minha própria alienação.

Contudo, acredito que é necessário redirecionar nosso olhar do preconceito para indignação, da marginalização para inclusão, da alienação para um sentido possível.

6 Referências Bibliográficas

GURFINKEL, D. **A pulsão e seu objeto- Droga**. Rio de Janeiro, Vozes, 1995.

HERRMANN, F. Psicanálise e Política: no mundo em que vivemos. **Revista Trieb**. Rio de Janeiro, v.II, n° 2, p. 235-263, 2003a.

HERRMANN, F. Adição à adição. **Intervenção na I Jornada Promud**, 2003b.

KALINA, E.; KOVADLOFF, S. **Drogadicção**: indivíduo, família e sociedade. 3. ed., Rio de Janeiro, F. Alves, 1980